

Lisboa, 20 de Maio de 2020

Fundação para a Saúde – Serviço Nacional de Saúde

Comunicado

SUPERAR A CRISE COM UM SNS MAIS FORTE

Portugal e os portugueses superaram a primeira fase da crise pandémica com resultados positivos em termos da resposta do Serviço Nacional de Saúde e dos seus profissionais, com valores em termos de mortalidade e internamentos abaixo de muitos países de referência. Continuam a registar-se no entanto muitas incertezas sobre a natureza do SARS COV2 e evolução da pandemia. A decisão do governo de se retomarem diversas atividades, com medidas específicas de controlo da transmissão do vírus, obteve um largo consenso por parte das diversas forças políticas e dos agentes económicos.

Todos somos convocados a passar à próxima fase, mantendo a “guarda”. O que implica que cada um de nós não abdique das medidas que nos permitiram chegar até aqui nestas condições. Ou seja: higiene das mãos, distanciamento físico e proteção individual.

Sermos agentes ativos implica que as nossas atitudes individuais decorram da adoção de comportamentos inteligentes adequados a cada situação concreta. Conhecer o que se passa a nível local na nossa zona de residência ou trabalho é um imperativo que se impõe pela heterogeneidade da situação a nível regional.

Era importante nesta nova fase, ser conhecida uma estratégia de saúde pública para os próximos meses, perceptível por todos, que permitisse uma melhor articulação entre os intervenientes dos diversos setores público e privado, assim como melhor colaboração das entidades governamentais com a academia e organizações profissionais.

No que ao SNS diz respeito estamos numa nova fase: continuar a responder ao CODIV 19 e retomar a atividade programada que foi suspensa nestes últimos dois meses.

Foi a efetiva resposta do SNS à situação decorrente da pandemia e à dedicação de todos os seus profissionais desde os da Saúde Pública, aos dos hospitais, dos centros de saúde, das farmácias, dos lares e das empresas que permitiu delimitar os danos que a expansão da infeção fazia antever.

Foi significativa a redução da atividade programada das consultas e das cirurgias mas também a decorrente da diminuição do recurso às urgências.

Contudo importa relevar que desta situação e no sentido de minimizar os seus efeitos podemos identificar: a adoção de novas formas de contato dos profissionais de saúde com os utentes utilizando as novas tecnologias suportadas nos telemóveis e computadores; a implementação de novas formas de organização de trabalho e reforçado a intervenção inter e multiprofissional; o desenvolvimento de novas aplicações informáticas específicas; encontradas soluções para facilitar o acesso aos medicamentos nomeadamente aqueles que

exigiam a deslocação dos doentes aos hospitais; desenvolvimento de formas de participação dos cidadãos e das comunidades; agilização na disponibilização de meios financeiros e autonomia na sua gestão.

Do processo vivido nesta crise fica claro que o SNS tem condições para responder quando:

- 1 – a planificação e coordenação central associada à gestão e coordenação local são as alavancas para as respostas concertadas e atempadas;
- 2 – se rentabilizam e disponibilizam meios ao serviço da saúde dos cidadãos, pela intervenção coordenada das várias áreas envolvidas – saúde, segurança social, autarquias, forças de segurança, proteção civil, exército e finanças;
- 3 – é depositada confiança nos profissionais e reforçada a sua autonomia na implementação das melhores soluções para as respostas às necessidades dos cidadãos;
- 4 – a academia, a investigação aplicada nas organizações de saúde e a economia são fundamentais no suporte às respostas que se impõem.

No início do mês de Abril afirmávamos que “a próxima etapa coletiva há-de contemplar o reforço e transformação do SNS”.

Passados quase dois meses os 4 eixos acima identificados do processo em curso entendemo-los como estruturantes e que, tal como afirmado, congregam os vários elementos aí referidos, em torno dos quais importa trabalhar para redesenhar o SNS do futuro. Nisso nos empenharemos.

É neste quadro que entendemos urgente trabalhar um plano que identifique os objetivos para os próximos dez anos e a calendarização da sua concretização a nível da coordenação central e da gestão a nível local capaz de garantir uma efetiva distribuição equitativa dos recursos – humanos, equipamentos e financeiros.

O reconhecimento efetivo de todos os profissionais, através das suas carreiras, do trabalho em equipa multiprofissional e multidisciplinar e das condições de exercício profissional será o estímulo mais decisivo para impulsionar a transformação que garantirá que desta crise o SNS sairá mais forte.

Conselho de Administração da Fundação para a Saúde – SNS

José Aranda da Silva (Farmacêutico)
Maria Augusta Sousa (Enfermeira)
Victor Borges Ramos (Médico)